

MEMORIAS
ECONOMICAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,
PARA O ADIANTAMENTO
DA
AGRICULTURA, DAS ARTES,
E DA INDUSTRIA EM PORTUGAL,
E SUAS CONSEQUENCIAS

Produção intelectual e a cultura da utilidade: o perfil dos escritos nas Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1789-1815

Igor Endlich Dourado

Resumo: Este artigo propõe explicar a mudança do pensamento português após a Revolução Científica e a Ilustração, assim como analisar, dentro das “Memórias Econômicas da Academia Real de Ciências de Lisboa”, a valorização de um saber de caráter utilitário, voltado à produção de memórias que contribuiriam para a evolução econômica de Portugal e suas colônias. O trabalho busca mapear, dentro das memórias citadas, os principais assuntos e contextualizá-los com as noções de economia política presentes na Europa do fim do século XVIII e início do XIX.

Palavras chave: Academia das Ciências; História Natural; Utilitarismo Ilustrado; Antigo Regime; Publicações científicas

Introdução:

Com a Revolução Científica no século XVII e a consolidação da Ilustração no século XVIII, várias academias de ciências foram abertas pela Europa com intuito de explorar ao máximo as potencialidades coloniais. Através da Ilustração europeia a educação é valorizada, pois de acordo com Boto, “Se o movimento iluminista destaca-se pela proeminência que oferece ao primado da razão humana, é pelo signo da educação que se dará o engendramento dessa racionalidade matricial.” (BOTO, 2010, p. 1). Como destacado pela historiadora Vera Regina Beltrão Marques: “O ensino ilustrado da história natural caminhou ao passo com criação de academias científicas em vários países europeus” (MARQUES, 2005, p. 40). Tais academias eram “congregações do saber e nelas encontravam-se os homens notáveis prontos a auxiliarem os governos em questões de ciência e técnica, assim como na economia, meteorologia, solos, climas, faunas e floras” (CARVALHO, 1981, p. 11).

Dentro desse processo, houve uma racionalização das práticas econômicas e administrativas, com isso o principal foco das memórias publicadas nas *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa* é a evolução econômica do Reino e de suas colônias, para que assim houvesse menor dependência dos países estrangeiros. Conforme destaca Ângela Domingues (2001, p. 824):

Cientistas e funcionários criaram e sustentaram uma rede de informação que permitiu ao Estado português setecentista conhecer de forma mais aprofundada e precisa os seus domínios na Europa, Ásia, África e, sobretudo, na América, ou seja, reconhecer os limites físicos dessa soberania, bem como as potencialidades econômicas do território administrado.

Um dos desdobramentos das Luzes foi a racionalização das práticas administrativas, segundo Lorelai Kury (2004, p.110) esse foi um fenômeno europeu, com ramificações nas Américas e nas áreas de influência das metrópoles coloniais. A pesquisadora aponta que desde o século XVIII configuraram-se redes de informações sobre os diversos climas e populações do globo, capitaneadas pelas duas grandes potências coloniais do período, França e Inglaterra.

Também Portugal vivenciou tal racionalização. Conforme destaca Ângela Domingues (2001, p. 824):

Cientistas e funcionários criaram e sustentaram uma rede de informação que permitiu ao Estado português setecentista conhecer de forma mais aprofundada e precisa os seus domínios na Europa, Ásia, África e, sobretudo, na América, ou seja, reconhecer os limites físicos dessa soberania, bem como as potencialidades econômicas do território administrado.

De fato, desde o reinado de D. José I (1750-1777) as reformas empreendidas sob a batuta de Pombal apontam para a crescente preocupação com a produção de conhecimentos que fossem úteis à economia portuguesa. Esse processo ganhou corpo com a criação da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1779, já durante a regência mariana (1777-1816). A instituição estava organizada em três eixos: Classe das Ciências Naturais, Classe das Ciências Exatas ou Classe da Literatura – conforme definido por seu Estatuto. Os trabalhos acadêmicos seguiam, portanto, tais diretrizes (SILVA, 2015, p. 08).

Entre suas contribuições merecem destaque a instituição de prêmios a trabalhos apresentados mediante a proposta de problemas a serem solucionados dentro dos eixos estruturantes e a publicação de memórias selecionadas a partir de pesquisas dos acadêmicos colaboradores. Tais publicações parecem integradas ao foco central da Academia de Lisboa: “realizar um movimento intelectual que promovesse o Estado e sua economia, além de instruir o povo e assim retirar os portugueses de um isolamento filosófico, pedagógico e científico de muito tempo” (MUNTEAL FILHO, 1993, p. 183-184).

As primeiras publicações começaram a ser editadas pela tipografia acadêmica no fim de 1780. Cabe destacar que as memórias escolhidas para inaugurar a produção foram oriundas da classe de ciências naturais, que compõem os tomos de memórias econômicas de 1789, 1790 e 1791. De modo geral, os conteúdos impressos revelam uma ciência atrelada a interesses estatais e pátrios. Como pontua Ronald Raminelli (2008, p.203): “A ciência e a economia agiam como agentes estatais no processo de centralização política e controle do território – reino e ultramar. Fora deste âmbito, os cientistas não sobreviveriam, dependentes de recursos indispensáveis à execução de experimentos.” Nesse sentido, a divulgação científica esteve conjugada à atuação política e aos seus projetos de transformação do país, possuía caráter eminentemente prático.

Frente ao exposto, elegemos como objeto desse projeto de pesquisa as *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa (1789-1815)*, mais especificamente os conteúdos nelas reunidos, com a finalidade de averiguar, em que medida, traduzem a produção de um saber utilitário à Coroa pautado em noções da economia política.

Resultados

Para a execução desse projeto utilizamos como fonte de pesquisa principal as *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa (1789-1815)*, mais especificamente os conteúdos nelas reunidos, com a finalidade de averiguar, em que medida, traduzem a produção de um saber utilitário à Coroa pautado em noções da economia política, compostas por cinco tomos reunindo um total de 90 ensaios de diversos temas econômicos e políticos de todo o império português. Considerados por diversos autores como “o paradigma do discurso ilustrado, reformista, utilitário, e de inspiração agrarista que caracterizou o panorama cultural português na transição de finais de setecentos até, pelo menos, meados do século XIX” (SILVA, 2015, p. 23), essa obra se encontra online pelo portal archive.org. Por meio de um levantamento quantitativo, pretendemos mapear quais os temas recorrentes presentes nas *Memórias* com vista a analisá-los em diálogo com as questões políticas que marcaram o período final do Antigo Regime luso, sobretudo, em sua relação com o pensamento econômico característico do período.

As primeiras publicações começaram a ser editadas pela tipografia acadêmica no fim de 1780. Cabe destacar que as memórias escolhidas para inaugurar a produção foram oriundas da classe de ciências naturais, que compõem os tomos de memórias econômicas de 1789, 1790 e 1791. De modo geral, os conteúdos impressos revelam uma ciência atrelada a interesses estatais e pátrios. Como pontua Ronald Raminelli (2008, p.203): “A ciência e a economia agiam como agentes estatais no processo de centralização política e controle do território – reino e ultramar. Fora deste âmbito, os cientistas não sobreviveriam, dependentes de recursos indispensáveis à execução de experimentos.” Nesse sentido, a divulgação científica esteve conjugada à atuação política e aos seus projetos de transformação do país, possuía caráter eminentemente prático.

Com isso, vemos que a grande maioria dos escritores, cujas memórias estão presentes nos cinco volumes publicados, trabalhava dentro da burocracia governamental, exercendo papéis de fiscalizadores ou até mesmo de administradores de grande parte de uma

colônia. Os demais são padres, filhos de famílias abastadas ou em alguns casos não se encontram registros sobre o autor, portanto não podemos afirmar sua participação governamental.

O reduzido grau de especialização, aliado a uma certa facilidade de circulação entre diferentes domínios disciplinares, traduzia-se no facto do objecto de algumas memórias partilharem áreas disciplinares hoje consideradas disjuntas, entrelaçando, simultaneamente, saberes como a botânica e a medicina, a química e a metalurgia, ou a demografia, história e agricultura. (SILVA, 2015, p.187)

O primeiro Tomo foi publicado no ano de 1789, dentro dele encontramos nove memórias correspondentes à agricultura, quatro sobre indústrias, duas sobre mineração, duas sobre a população e cinco sobre os territórios portugueses. Portanto vemos que o principal interesse da coroa neste ano era a expansão da agricultura em seus domínios, deixando claro o caráter utilitarista das produções.

O segundo Tomo foi publicado no ano de 1790, as memórias presentes são: uma de comercio, quatro de agricultura, quatro de botânica, duas sobre os domínios portugueses, duas sobre mineração, uma referente à indústria e uma sobre pesca. Por ter apenas um ano de diferença com o primeiro Tomo, o foco em agricultura ainda é completamente presente nas publicações.

O terceiro Tomo, publicado em 1791 possui oito memórias sobre os domínios portugueses, seis memórias sobre agricultura e uma memória de cada sobre industria, pesca, botânica e comercio. Neste tomo, o maior foco das publicações esta no controle dos domínios portugueses e como alcançar o maior desempenho dos mesmos.

O quarto Tomo foi publicado após 21 anos de pausa, em 1812, nele encontramos quatro memórias referentes à botânica, três sobre a pesca, duas de cada sobre agricultura, comercio e domínios portugueses e uma sobre a marinha portuguesa. É visto um aumento considerável no foco a pesca e a botânica, enquanto em contrapartida a uma diminuição considerável no foco da agricultura em relação aos anteriores.

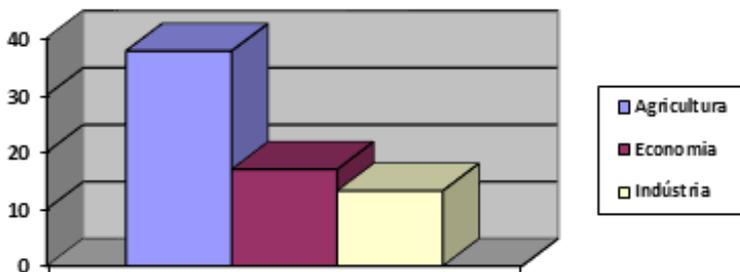
O quinto e ultimo Tomo foi publicado em 1815, são encontradas cinco memórias sobre agricultura, três sobre os domínios portugueses, duas sobre população, duas sobre botâ-

nica e uma sobre pesca. Três anos após a publicação do quarto tomo a agricultura volta a ser o maior foco das publicações, assim como a população e os domínios portugueses.

A princípio, analisando os três primeiros Tomos das *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, isso se dá devido a distancia temporal entre a publicação do terceiro e do quarto Tomo, assim como as diferenças do contexto de suas publicações. Durante a publicação de todos os Tomos Portugal estava no período Mariano (a partir de 1799 tendo Dom João IV como seu regente), durante a interrupção de 21 anos até a publicação do quarto Tomo vários eventos ocorrem na história de Portugal, como a transferência da corte para o Brasil e as invasões napoleônicas. Portanto para que não haja confusão acerca dos interesses da coroa portuguesa, trabalharemos apenas com os três primeiros tomos.

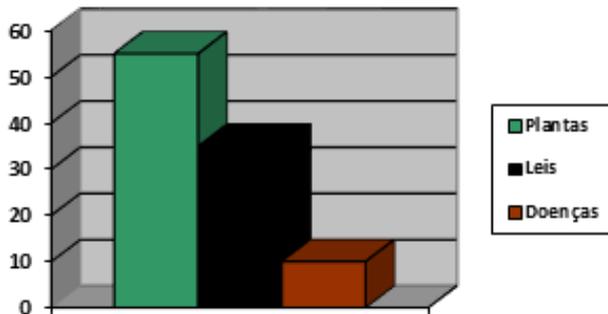
O primeiro Tomo é composto por 20 memórias, sendo oito sobre agricultura (40%), duas sobre botânica (10%), quatro sobre indústrias (20%), duas sobre mineração (10%), duas sobre população (10%), uma sobre economia (5%) e uma sobre alimentação (5%). No Segundo Tomo, temos catorze memórias, sendo divididas: seis sobre agricultura (42,85%), duas sobre indústria (14,28%), duas sobre mineração (14,28%), duas sobre hidrografia (14,28%) e duas sobre economia (14,28%). O terceiro Tomo possui 19 memórias, divididas em: seis de agricultura (31,57%), seis de economia (31,57%), duas de hidrografia (10,52%), duas de política (10,52%), uma de indústria (5,26%), uma de pesca (5,26%) e uma de comércio (5,26%). Chegamos então à conclusão que os três assuntos mais trabalhados nas memórias são: Agricultura (37,73%), melhoras na economia (16,98%) e Indústria (13,20%).

TABELA 1 - Assuntos mais trabalhados nas memórias



Levando em conta que o tema mais comentado é a agricultura, podemos avaliar também quais os assuntos mais comentados dentro dele. Das 20 produções presentes nos três tomos analisados, podemos ver onze sendo sobre espécies de plantas presentes nos domínios portugueses (55%), sete sobre leis agrícolas e expansão da produção (35%) e duas sobre o tratamento de doenças que dificultavam o plantio dessas árvores (10%).

TABELA 2 - assuntos dentro de agricultura



Posto isto, entendemos que o foco das pesquisas se restringia a temas que pudessem de alguma forma, alavancar a produção e a economia do império. Esse caráter utilitarista está presente em todas as memórias publicadas, comprovando a mudança do pensamento português e também do europeu ao longo do século da Ilustração. Essa mudança de pensamento, estrutura e comportamento no meio acadêmico, também são objeto central de análise da presente pesquisa.

É visto claramente o foco das pesquisas em temas que iriam alavancar a produção e a economia do império. Esse caráter utilitarista esta presente em todas as memórias publicadas, comprovando a mudança do pensamento português e também do europeu durante essa época de inicio da idade contemporânea. Essa mudança de pensamento assim como a mudança de estrutura e de comportamento dentro do meio acadêmico também é foco desta pesquisa.

Discussão e Conclusões:

Analisando os três primeiros Tomo publicado das *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, vemos claramente o foco utilitarista das produções, traduzidos pelo intenso debate acerca da valorização da agricultura e das fábricas nacionais, para que estas se sobreponham as estrangeiras, diminuindo assim a necessidade da importação de produtos.

De modo geral, os conteúdos impressos revelam uma ciência atrelada a interesses estatais e pátrios. Como pontua Ronald Raminelli (2008, p.203): “A ciência e a economia agiam como agentes estatais no processo de centralização política e controle do território – reino e ultramar. Fora deste âmbito, os cientistas não sobreviveriam, dependentes de recursos indispensáveis à execução de experimentos.” Nesse sentido, a divulgação científica esteve conjugada à atuação política e aos seus projetos de transformação do país, possuía caráter eminentemente prático.

O primeiro Tomo foi publicado no ano de 1789, em vários trechos dele o caráter utilitarista está explícito. Um dos principais objetivos dos autores quando se tratava da agricultura, era simplificar ao máximo o processo de plantio e colheita, a fim de aumentar cada vez mais a produção, como podemos ver no trecho a seguir, na *Memória Sobre o Algodão, Sua Cultura e sua Fábrica*, do Padre João de Loureiro.

“E porque é tão útil, deve-se procurar facilitar mais a sua cultura, e a sua fabrica, com o conhecimento dos meios que para isso ha, e que ainda são ignorados em muitas partes. As coisas mais úteis aos homens são ordinariamente as mais comuns, não as mais raras.” (TOMO 1, 1789, p.38-39)

O segundo tomo, publicado no ano de 1790, sua primeira memória nos traz um debate acerca da preferência que se deveria dar sobre os mercados sobre as feiras, isso se da com um pensamento de movimentar a economia continuamente, como podemos ver destes dois trechos a seguir, “Eles dão maior consumo, e circulação, por isso mesmo que são mais frequentes, e repetem cada semana o que nas Feiras se faz de ano em ano.” (TOMO 2, 1790, p.13), “O mesmo procede na indústria: a contínua venda excita a contínuo trabalho; e o contínuo lucro a novas entreprezas.” (TOMO 2, 1790, p.15). Vemos então que o pensamento econômico português estava começando a se movimentar para uma

lógica capitalista.

O terceiro tomo foi escrito em 1791, sua primeira memória trata sobre a utilidade da química para a construção de edifícios, o autor explica medidas que devem ser tomadas antes de construir sobre determinado terreno. Também escreve sobre como aproveitar o máximo possível das riquezas que podem ser encontradas, como pedras, carvão natural, areia ou outros produtos. Explica que aquele que vai usar a terra deve conhecê-la de modo que consiga explorá-la em sua totalidade. O autor também se atenta à qualidade dos materiais usados para construir em determinados terrenos, e exemplifica formas de construção para cada tipo de terreno.

“O primeiro cuidado de quem dirige a obra, ainda mesmo antes de fazer abrir os alicerces, há de empregar-se em conhecer as vantagens que do terreno pode tirar [...] sabendo conhecer a natureza delas, pode evitar, ou abrir alicerces em hum terreno mal, onde seja necessária uma avultadíssima despesa.” (TOMO 3, 1791, p. 5)

Posto isto, entendemos que o foco das pesquisas se restringia a temas que pudessem de alguma forma, alavancar a produção e a economia do império. Esse caráter utilitarista está presente em todas as memórias publicadas, comprovando a mudança do pensamento português e também do europeu ao longo do século da Ilustração. Essa mudança de pensamento, assim como a mudança de estrutura e de comportamento dentro do meio acadêmico, também é objeto central de análise da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS:

- BOTO, Carlota, **A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos**: das primeiras letras à universidade. Revista Brasileira de Educação [en línea] 2010, 15 (Mayo-Agosto): Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27518764006>> ISSN 1413-2478, Acesso em 11 de Agosto de 2017.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983, p. 114.
- CARDOSO, W.; NOVAIS, F.; D'AMBRÓSIO, U. **Para uma história das ciências no Brasil colonial**. Revista Brasileira de História da Ciência, n. 1, p. 13-17, jan./jun. 1985

- CARDOSO, J.L., **O pensamento econômico em Portugal nos finais do século XVIII (1780-1808)**. Editorial Estampa, 1988.
- CARVALHO, Rômulo. **A actividade pedagógica da Academia de Ciências de Lisboa nos séculos XVIII e XIX**. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1981.
- CRUZEIRO, Eduarda. **A reforma pombalina na história da universidade**. *Análise Social*. Vol. XXIV, 100, 1988, 165-210. [online] Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223029550B7xEB9pj4Ht43DJ4.pdf>. Acesso em 13 de agosto de 2017.
- DOMINGUES, Ângela. **Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos**. *Hist. cienc. Saúde* [online], vol.8, 2001.
- KURY, L. B. **Entre utopia e pragmatismo: a história natural no Iluminismo tardio**. In: Luís Carlos Soares. (Org.). *Da Revolução Científica à Big-business Science: 5 ensaios de história das ciências e da tecnologia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Eduff/Hucitec, 2001
- MARQUES, V. R. B. **Escola de Homens de Ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779**. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 25, p. 39-58, 2005
- Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para adiantamento da agricultura, das artes e da indústria em Portugal (1789-1791)**, Vol.1. Lisboa, Officina da Academia Real das Ciências, 1789.
- MUNTEAL, F. O. **Domenico Vandelli no anfiteatro da natureza: a cultura científica do reformismo ilustrado português na crise do antigo sistema colonial (1779-1808)**. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SALLES, a calúnia à supressão: discursos sobre educação e antijesuitismo no período pombalino. Vitória, 2015.
- SILVA, José Alberto Teixeira Rebelo da. **A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia**. Lisboa, 2015.
- SILVA, A. R. C. **A formação do homem público no Portugal setecentista: 1750-1777**. *Intellèctus (UERJ)*, UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, 2003.
- SOARES, L. C.. **O nascimento da ciência moderna: os caminhos diversos da revolução científica nos séculos XVI e XVII**. *Arrabalde Cadernos de História*, Niterói, v. 2, p. 8-43, 1996.

RAMINELLI, Ronald. **Viagens Ultramarinas; monarcas, vassalos e governo a distância**. 1. ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008.